



REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA E HISTÓRIA



A construção da imagem do ator político na atualidade

Iluskhanney Gomes de Medeiros Nóbrega

Bacharela em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e aluna do Curso de Especialização em Assessoria de Comunicação, ministrado pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP).

Email: yluska.gmn@gmail.com

Resumo: Atualmente, várias são as artimanhas utilizadas para persuadir o cidadão. Estas são criadas através das chamadas estratégias de marketing político, que utilizam a mídia como o principal veículo, através da qual os atores políticos fazem seus apelos aos cidadãos, ora evocando a proximidade, incorporando o personagem do homem comum ou se distanciando, personificando a imagem do líder charmoso. A fachada do ator no espetáculo político influencia na clareza e na manipulação da informação e dela deriva o conjunto que inspira confiança no público. Para a maioria dos atores políticos essa fachada encontra-se bem distante de sua pessoa, de seu caráter, ou melhor, de sua aparência real. E, como se torna cotidiana, tal fachada se desgasta com grande frequência, necessitando de constantes renovações. Através da análise do material bibliográfico selecionado para fundamentar a presente produção acadêmica, pode-se perceber que a farsa da mentira, definida por Roger-Gérard Schwardenberg nos primeiros anos da década de 1970, encontra-se cada vez mais forte no cenário político atual (mesmo depois de mais de quarenta anos), alimentando o espetáculo político, que com seu poder, seduz o cidadão-espectador, limitando seu espaço e voz nas decisões políticas.

Palavras-chave: Ator político. Imagem. Processo de construção.

The construction of the image of the political actor today

Abstract: Currently, there are several tricks used to persuade the public. These are created by so called political marketing strategies, using the media as the main vehicle through which political actors make their appeals to the citizens, sometimes evoking the proximity, in character of the common man or moving away, personifying the image leader's charming. The facade of the actor in the show political influences on the clarity and manipulation of information and derives from the set that inspires confidence in public. For most political actors that facade is far removed from his person, his character, or rather of its actual appearance. And, as becomes daily, wears this façade with great frequency, requiring constant renewal. Through analysis of bibliographical material selected to support this academic production, one can see that the charade of lies, set by Roger-Gérard Schwardenberg in the early years of the 1970s, is becoming stronger in the current political scene (even after more than forty years), fueling the political spectacle, that with his power, seduces the viewer-citizen, limiting your space and voice in policy decisions.

Keywords: Actor politician. Picture. Construction process.

1 Introdução

Nos países onde existe a chamada democracia representativa, o povo delega a autoridade política para os chamados atores políticos que o representam. Tais atores encontram-se agregados a partidos políticos, em torno dos quais, obtêm representação no poder político local. E, é a partir da concepção ideológica adotada pelo partido, que, teoricamente, o ator político passa a construir a sua identidade política, que passa a ser veiculada pela mídia.

Por outro lado, deve-se registrar que o desenvolvimento tecnológico não somente multiplicou os meios de comunicação com também fez com que os mesmos produzissem uma maior difusão. E, essa situação modificou profundamente o modo de produção das imagens políticas, que passaram a ser fabricadas em maior escala, observando a conveniência dos cenários em disputas.

Ressalta Rubim (2003, p. 7) que "a imagem pública emerge como um passaporte que possibilita a existência visível do ator político na contemporaneidade".

No entanto, tem-se que reconhecer que a imagem do ator político é uma resultante da atuação do protagonista. Ela também se encontra vinculada à atuação dos aliados e dos próprios adversários, que fazem parte do jogo político. Nesse jogo, tudo é feito para se ganhar popularidade, para se conquistar o melhor espaço que contribua para a escolha do cidadão.

No contexto atual, onde a comunicação política (dominada pela lógica da mídia) vem ganhando um espaço cada vez maior, o jogo político vem se tornando também mais acirrado. De certa forma, são os meios de comunicação mais influentes que ditam as regras desse jogo, obrigando o ator político a jogar segundo determina a mídia (FREITAS, 2009).

Atualmente, várias são as artimanhas utilizadas para persuadir o cidadão. Estas são criadas através das chamadas estratégias de marketing político, que utilizam a mídia como o principal veículo, através da qual os atores políticos fazem seus apelos aos cidadãos, ora evocando a proximidade, incorporando o personagem do homem comum ou se distanciando, personificando a imagem do líder charmoso.

O presente artigo tem por objetivo mostrar como ocorre a construção da imagem do ator político na atualidade.

2 Revisão de Literatura

2.1 Os meios de comunicação e a comunicação política

Nos últimos anos, por centrar a sua atenção na cidadania do conhecimento¹, a comunicação política vem assumindo um papel importante no funcionamento dos sistemas democráticos. E, por essa razão, seu conceito tem evoluído de forma significativa, à medida que o seu objeto passou a incluir tudo o que está relacionado com o papel da comunicação na vida política (CANAVILHAS, 2009).

Esclarece Mesquita (2003) que existem os seguintes grupos que atuam na comunicação política:

- a) os atores sociais e profissionais: através de grupos de interesse;
- b) os homens políticos: candidatos eleitos;
- c) os intelectuais: por meio de escolas, universidades, instituições culturais;
- d) os jornalistas: que intervêm no espaço público político.

É oportuno destacar que na política, as diferentes formas de comunicações envolvem dois ou mais atores políticos. Estas variadas formas de comunicações ocorrem em reuniões e encontros governamentais.

Acrescenta ainda Freitas (2009), que também existem formas de comunicação política que ocorrem de um ator político para atores não políticos. E, que

¹ Cidadania do conhecimento: Entendida como o acesso a informação relevante não distorcida, ou o livre acesso aos espaços de debate onde os cidadãos podem deliberar e desenvolver os seus próprios argumentos (CANAVILHAS, 2009).

nesse último grupo encontram-se os eleitores, os jornalistas e determinados segmentos da população.

É nessas últimas formas de comunicação política que o ator político expõe suas ideias, sempre utilizando uma mensagem curta e direta, previamente elaborada para impressionar/seduzir o eleitor e convencer a mídia a reproduzir suas ideias.

Destaca Freitas (2009), que a comunicação política tem como principais veículos:

- a) a mídia;
- b) as tribunas dos comícios;
- c) as visitas a locais públicos;
- d) os encontros de militantes.

No que diz respeito à mídia na comunicação política, a interação com o cidadão pode ocorrer através de reportagens, editoriais, comentários, análises, etc. Na comunicação política, a mídia é utilizada para transmitir as decisões políticas tomadas pelos órgãos e autoridades políticas. A mediação que ela estabelece, opera num sentido inverso, levando, através das vozes dos jornalistas, as opiniões dos cidadãos sobre a política.

Assim, ao se posicionar sobre determinado assunto, o cidadão estará participando da política. E mais ainda, ele precisa saber fazer valer a sua voz, exigindo que seus governantes adotem posturas éticas e atitudes sociais. Para tanto, é de suma importância que a mídia veicule mensagens que sejam capazes de ajudarem o cidadão a construir um melhor entendimento a cerca da política.

Completando esse pensamento, Freitas (2009, p. 179) acrescenta que:

Os meios de comunicação também podem agir como atores políticos, pois a partir da transmissão de informações são capazes de intervir no cotidiano político, influenciar as decisões do governo ou incentivar o cidadão a uma certa direção. Por exemplo, a forma como os meios de comunicação noticiam um escândalo de corrupção influencia a imagem dos políticos envolvidos e influencia na percepção do caso pelos cidadãos.

Nesse sentido, percebe-se que não somente os atores políticos como também os meios de comunicação, podem influenciar os cidadãos. Nesse processo de influência, tanto um quanto o outro, utilizam-se de vários mecanismos para chamarem a atenção da sociedade.

Entretanto, em momento algum os meios de comunicação devem se tornarem cúmplices ativos dos acontecimentos políticos. Eles devem assumir uma postura coerente e questionarem, sempre que necessário, as ações governamentais, evitando que o povo seja contagiado por atos dos quais, no futuro possa vir a ser vítima.

2.2 A imagem do ator político

A postura do indivíduo, o modo como ele age na sociedade, seja de forma intencionalmente ou não, segundo Goffman (1993), impressiona outras pessoas. Por outro lado, as expressões e ações desenvolvidas pelos atores políticos "assumem um caráter de promessa", de forma que todas as suas atitudes vendem uma ideia a seu respeito (FREITAS, 2009, p. 181).

Conscientes dessa realidade, os atores políticos procuram não serem mal-educados, tentam não responder às grosserias ou insinuações. E mais, procuram sempre serem atenciosos e responsáveis. Ao agirem dessa forma, tais atores estão representando e incorporando às suas vidas um papel bem diferente de seu 'eu'. E o desejo de vencer a disputa na qual

encontram-se inseridos, leva-os a optarem por vivenciar a encenação da realidade.

Assim, dependendo do contexto cultural no qual se encontram, os personagens da política assumem vários papéis. Dissertando sobre a encenação vivenciada pelos atores políticos, Schwartzberg (1978) afirma que os mesmos podem representar os seguintes papéis:

- a) Herói;
- b) Líder charmoso;
- c) Nosso Pai;
- d) Tipo igual a todo mundo.

O Quadro 1 apresenta as características dos diferentes papéis comumente representados pelos líderes políticos, na ótica de Schwartzberg.

Quadro 1 - Diferentes papéis comumente representados pelos líderes políticos

| Variáveis | Características |
|-------------------------|---|
| Líder charmoso | O líder charmoso tem ar de autoridade e superioridade, mas algumas vezes se aproxima do povo com sua simpatia. |
| Herói | O ator político encarna um ídolo, uma pessoa com bondade excepcional e triunfante, fadada à vitória e a façanhas, alguém que impõe respeito e recebe admiração. |
| Nosso Pai | É o defensor dos fracos, o 'pai do povo', líder populista a quem o povo pede ajuda. |
| Tipo igual a todo mundo | O ator político age com normalidade, humildade e enaltece os pontos em que se compara à situação em que vivem os demais. |

Fonte: Freitas (2009), adaptado.

Dentre os papéis acima apresentados, o personagem de homem comum é bastante utilizado. Com ele, o ator político tenta estabelecer uma maior aproximação com cidadão, principalmente, com aquele que encontra-se vinculado às comunidades humildes. Ao 'pai nosso', tido como o indivíduo que merece respeito e é digno de ser ouvido por sua experiência de vida, associa-se o pai-herói, visto, dependendo da situação, como o 'pai da pátria' ou 'pai da revolução'.

É importante destacar que o papel que os candidatos assumem durante a campanha eleitoral, depende da realidade ou da necessidade dos eleitores (ALMEIDA, 2011).

Avaliando os reflexos da imagem do ator político, Schwartzberg (1978, p. 4-5) afirma que "muitos dirigentes são prisioneiros da sua própria imagem [...]. O homem político deve, portanto, concordar em desempenhar de uma maneira duradoura o personagem em cuja pele se meteu".

Assim, se o ator político escolheu no palco da política desempenhar o papel 'tipo igual a todo mundo', este será o papel que deverá desempenhar por toda a sua vida pública. Pois, se em algum momento após conquistar o '*mandus*' ou o poder e distanciar-se desse personagem, ou melhor, deixar de ser igual ao seu povo, passará a ser odiado por este. Como consequência, num sistema democrático, será levado ao ostracismo.

Em resumo, ao escolher o papel que desempenhará, o ator político precisa ser coerente. Caso contrário, não terá uma imagem forte. E, conseqüentemente, nessa sua imagem o cidadão não encontrará nada para se identificar com ela.

Schwartzberg (1978, p. 4) também afirma que o ator político precisa construir uma imagem por dois motivos. Primeiro, para ser consolidado como um "símbolo visível e tangível", capaz de atrair a atenção do cidadão. E, segundo, para que sua imagem seja utilizada como rótulo do "produto ou marca política".

A imagem política reflete as regras vigentes nos espaços de visibilidade proporcionados pela mídia, de forma que, segundo Silva e Marques (2009), os atores políticos preocupam-se com:

- a) a criação, produção e manutenção da imagem pública de atores, classes de atores e instâncias políticas;
- b) o ajuste das imagens públicas às expectativas dos públicos;
- c) o gerenciamento eficaz da imagem pública por meio da elaboração de um tipo de estratégia comunicativa.

Assim, ao se preocupar com o gerenciamento de sua imagem, o ator político espera que a mídia assegure sua presença, de forma constante, na esfera de visibilidade pública. Isto somente ocorre quando para o ator político é construída uma imagem sólida.

O processo de construção e desconstrução da imagem pública obedece a três etapas ditas fundamentais. O Quadro 2, de forma resumida, apresenta as características de cada uma dessas etapas.

Quadro 2 - Construção e desconstrução da imagem pública

| ETAPA DE CONSTRUÇÃO DA IMAGEM | |
|---|--|
| Produção de Imagem | Divisão do trabalho e cooperação entre os membros da equipe de marketing. Adequação dos interesses dos atores políticos às estratégias publicitárias |
| Controle e difusão da imagem na esfera pública | Adequação dos elementos discursivos da imagem a quadros de sentido coletivos. Conhecimento das expectativas gerais. |
| Gerenciamento da circulação da imagem nos media | Trabalho colaborativo e em equipe feito pelos profissionais encarregados pelo monitoramento de mídia. |
| ETAPA DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM | |
| Produção de Imagem | Divergências de interesses, desestruturação da equipe, descompasso entre a imagem ansiada e a imagem projetada. |
| Controle e difusão da imagem na esfera pública | Falta de coesão partidária e consequente recepção negativa da imagem do candidato junto à opinião pública. |
| Gerenciamento da circulação da imagem nos media | Ausência de trabalho integrado, fragilidades na imagem geradas por desentendimentos intra e extrapartidários. |

Fonte: Silva e Marques (2009), adaptado.

Com base no Quadro 2, tanto no processo de construção como no de desconstrução da imagem política são observadas as mesmas etapas, de forma que a não observância completa dessas etapas no processo de construção, podem contribuir diretamente para a desconstrução da imagem pretendida.

Muitas vezes, os meios de comunicação constroem ou reforçam determinadas imagens estereotipadas para os atores políticos, reforçando convicções de objetos, grupos ou instituições. No entanto, em determinados momentos a construção de uma imagem política é exigida pela própria realidade. Nesse contexto, entra em cena o marketing político eleitoral.

Dissertando sobre a importância desse tipo de marketing, afirmam Silva e Marques (2009, p. 47) que o mesmo:

[...] em sua configuração contemporânea, utiliza técnicas e estratégias capazes de lidar com a mídia - poderoso filtro que pode invalidar ou alterar os sinais inseridos pelos agentes políticos na esfera de visibilidade pública -, alterando assim o modo como os receptores percebem as informações.

De certa forma, a associação do marketing à política era necessária por uma questão histórico-social. Através dele, o ator político ajusta-se melhor ao meio onde desenvolve suas atividades, identifica seus obstáculos e traça estratégias para superar tais obstáculos. E, procura desenvolver as informações necessárias para tornar-se conhecido junto ao cidadão.

É oportuno ressaltar que quando o ator político opta por utilizar estratégias e mecanismos mais adequados ao campo da imagem pública, ele consegue alterar a "sua forma de ser e de se fazer percebido

perante o complexo mundo da disputa pela visibilidade" (WEBER, 2000, p.11).

2.3 O espetáculo político

O termo espetáculo pode ser definido como sendo uma encenação direcionada a um público interessado. Produzindo espetáculos de variadas formas e nos momentos oportunos, o poder político vem seduzindo o espectador e mantendo-se no cenário das decisões ao longo dos séculos.

No contexto atual, o espetáculo político é orientado pelo modo de interação com a mídia, apresentando-se sob diferentes modelos, merecendo de Weber (2000), a seguinte classificação:

a) modelo arbitrário: em que o campo político controla o espaço midiático, a exemplo do que ocorre na propaganda política brasileira;

b) modelo articulado: eventos que a mídia tem de veicular por serem excepcionais como as eleições;

c) modelo autônomo: ocorre quando acontece um fato imprevisível que faz com que a mídia mude seus padrões de cobertura;

d) modelo editorial: fatos que a mídia traça como espetáculos políticos por meio de discursos e narrativas que seguem um padrão.

No espetáculo político, o ator político pode exercer tanto o papel de protagonista (recebendo atenção principal) quanto o coadjuvante, cabendo uma função secundária. No entanto, em ambos os casos existe uma preocupação com o cenário, que é completado pela 'fachada pessoal'. No contexto atual, prima-se pela aparência do ator, bem como por seu modo e maneiras de se postar (GOFFMAN, 1993).

Acrescenta Canavilhas (2009), que a 'fachada' do ator no espetáculo político, influencia na clareza e

na manipulação da informação e dela deriva o conjunto que inspira confiança no público.

Na atualidade, a construção dessa fachada somente é possível graças ao desenvolvimento da mídia, com seus modernos meios audiovisuais, irradiando uma presença que não era possível imaginar nas sociedades do passado.

Para a maioria dos atores políticos essa fachada encontra-se bem distante de sua pessoa, de seu caráter, ou melhor, de sua aparência real. E, como se torna cotidiana, tal fachada se desgasta com grande frequência, necessitando de constantes renovações.

Avaliando a construção da imagem dos atores políticos, suas fachadas e representações no espetáculo político, Schwartzberg (1978) afirma que a 'arte de mentir' vem dominando o mundo da política, em virtude dos usos que os políticos fazem dos meios de comunicação, fabricando para si novas imagens, com o objetivo único de manipular a opinião eleitoral.

Schwartzberg (1978) vai mais além e enfatiza que a 'verdade já não tem valor', pois, a cada eleição, é falseada pelos homens que atuam no cenário político. E ao assim fazerem, tais homens públicos tornam-se personagens, que promovem o espetáculo do poder no teatro, que bem caracteriza a política contemporânea.

Logo, não mais existe uma preocupação com a ideologia, que antes fundamentava as ações e atividades dos partidos políticos. Os interesses econômicos ditam as regras para os políticos e estes se distanciam da ética e ignoram os anseios do povo que os elegeram.

Schwartzberg (1978, p. 1) acolhe o poder político e a política no âmbito da discussão do espetáculo na atualidade, afirmando que "hoje em dia, o espetáculo está no poder. Não mais apenas na sociedade. De tão enorme que foi o avanço do mal. Hoje, nossas conjecturas já têm como único objeto as relações do espetáculo da sociedade em geral".

No contexto atual, o que se percebe é que vem ocorrendo uma hiperpersonalização da vida política, havendo todo um cuidado em identificar o político, ou melhor, de apresentá-lo para a sociedade.

O ator político, cuja figura/personagem é trabalhada para conquistar o povo e garantir espaço político, segundo Mesquita (2003) deve saber:

- a) valorizar as dimensões não-verbais (presença, postura, gestos e retórica);
- b) utilizar frases curtas ou invés de explicações longas e detalhadas.

Essas atitudes, que fortalecem a encenação, impedem que o cidadão conheça realmente o ator político, dando preferência, às vezes, por aqueles que não possuem as melhores propostas ou intenções.

3 Considerações Finais

Através da análise do material bibliográfico selecionado para fundamentar a presente produção acadêmica, pode-se perceber que o modo como o cidadão recebe a imagem política, constitui um fator

para suas escolhas, influenciando suas atividades políticas. E que no processo de transformação dos fatos reais em notícias, existe sempre uma tendência para manipular a realidade.

No que diz respeito ao ator político, este constrói sua imagem firmada no próprio interesse. Às vezes, segue as determinações de seu partido ou quase sempre, às ditadas pelos grupos econômicos que representa, ignorando os reais anseios do povo que o elege.

A farsa da mentira, definida por Roger-Gérard Schwartzberg nos primeiros anos da década de 1970, encontra-se cada vez mais forte no cenário político atual (mesmo depois de mais de quarenta anos), alimentando o espetáculo político, que com seu poder, seduz o cidadão-espectador, limitando seu espaço e voz nas decisões políticas.

À serviço desses atores encontram-se os meios de comunicações, que graças ao desenvolvimento tecnológico, assumiram novas formas de representações e conseguem levar a imagem/mensagem do político ao um número cada vez maior de pessoas, em tempo real.

No entanto, tem-se que reconhecer que embora no contexto atual, os meios de comunicação utilizem-se das dramatizações e fortaleçam o espetáculo político, é por meio destes mesmos meios que a sociedade é informada, que uma significativa parcela da população passa a conhecer o mundo que existe em sua volta e recebe suas principais informações.

4 Referências

ALMEIDA, Cosma Ribeiro de. A participação do feminino na política paraibana: Mudanças culturais no interior do nordeste brasileiro. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador 7 a 10 de agosto de 2011. Universidade Federal da Bahia. **Anais**.

CANAVILHAS, João. A comunicação política na era da internet (2009). Disponível in: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-comunicacao-politica-na-era-da-internet.pdf>. Acesso: 10 jun 2012.

FREITAS, Renata Suely de. Identidade, imagem e ética na comunicação política. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 9, n. 2, p. 177-190, jul./dez. 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do 'eu' na vida de todos os dias**. Lisboa: Relógio D'água, p.11-48, 1993.

MESQUITA, Mário. **O quarto equívoco: o poder dos media na sociedade contemporânea**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2003.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Espetáculo, política e mídia. In: FRANÇA, V.; WEBER, M. H.; PAIVA, R.;

SOVIK, L. (orgs.), Porto Alegre: Estudos de Comunicação, Vol. 1, pp. 85-103, 2003.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O estado espetáculo**. Rio de Janeiro, Difel, 1978.

SILVA, Célia Lúcia; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Estratégias comunicativas para a (des)construção da imagem pública: a política de

imagem no contexto de campanhas eleitorais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 45-63, jul./dez. 2009.

WEBER, Maria Helena. Comunicação e espetáculos da política. Porto Alegre: UFRGS, 2000.